Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Leitura e escrita em tempos de internet: peculiaridades e reflexões pedagógicas

Natanael da Costa (UFMA)

https://orcid.org/0009-0001-6607-4139

natanaelcosta@yahoo.com

***Resumo**: Com os avanços proporcionados pelo fenômeno da globalização, a sociedade, tem experimentado as mais diferentes novidades. Muita coisa mudou: a maneira de se fazer negócios, de realizar transações bancárias, de se divertir etc. No entanto, a mudança mais profunda se dá no campo da comunicação. Barreiras geográficas já foram facilmente destruídas, de modo que, agora, conversar com alguém distante, informar-se, enfim, superou todas as dificuldades conhecidas pelo homem. Tudo isso está intimamente relacionado com a popularização da internet, dos dispositivos móveis e especialmente com o crescimento das mídias sociais. Consequentemente, o mundo se tornou cada vez mais "grafocêntrico", isto é: as interações linguísticas por meio da leitura e escrita se fazem cada vez mais necessárias no contemporâneo mundo globalizado, de maneira que, hodiernamente, a maneira pela qual as pessoas executam as suas práticas de leitura e escrita sofreu uma metamorfose que é no mínimo interessante. No âmbito escolar e acadêmico, pesquisadores têm se esforçado para entender como a escola pode lidar com toda a transformação que tem presenciado a fim de atingir a sua função social nesse novo contexto. Diante disso, esta pesquisa se propõe a discutir as novas práticas de leitura e escrita oriundas da inovação tecnológica e os impactos dessas para a tarefa pedagógica, particularmente para o ensino-aprendizado da língua materna. Para isso, recorrer-se-á a pesquisas já realizadas sobre o assunto à luz da linguística e da perspectiva pedagógica, passando por considerações nos campos da discursividade e da concepção sociointeracionista da língua.*

***Palavras-chave**: Internet, Leitura e Escrita, Linguística Sociointeracionista*

***Abstract**: With the advances provided by the phenomenon of globalization, society has experienced the most different innovations. Many things have changed: the way of doing business, carrying out banking transactions, having fun, etc. However, the most profound change occurs in the field of communication. Geographical barriers have already been easily destroyed, so that, now, talking to someone far away, getting information, in short, has overcome all difficulties known to man. All of this is closely related to the popularization of the internet, mobile devices and especially the growth of social media. Consequently, the world has become increasingly "graphocentric", that is: linguistic interactions through reading and writing are becoming increasingly necessary in the contemporary globalized world, so that, today, the way in which people perform tasks Their reading and writing*

practices underwent a metamorphosis that is interesting to say the least. At the school and academic level, researchers have struggled to understand how schools can deal with all the transformation they have witnessed in order to achieve their social function in this new context. In view of this, this research proposes to discuss new reading and writing practices arising from technological innovation and their impacts on the pedagogical task, particularly for the teaching-learning of the mother tongue. To this end, research already carried out on the subject will be used from a linguistic and pedagogical perspective, including considerations in the fields of discursivity and the socio-interactionist conception of language.

***Keywords**: Internet, Reading and Writing, Sociointeractionist Linguistics.*

1. Introdução:

O ser humano é caracterizado, entre outras coisas, pelo seu caráter comunicativo inato. Ou seja: é da natureza do próprio ser humano a comunicação e a interação com outros indivíduos. Grupos sociais agrafos exerceram tal capacidade por intermédio da oralidade. Entretanto, com a invenção da escrita, a coisa foi ganhando outro patamar. A história nos revela como diferentes civilizações em diferentes momentos históricos desenvolveram os seus próprios signos linguísticos visando à comunicação. Das pinturas rupestres, passando pelos hidrógrafos egípcios, até a invenção do alfabeto, a humanidade experimentou diversas maneiras de se comunicar e de se desenvolver linguisticamente.

O tempo continuou passando e trazendo consigo novas configurações sociais que acabaram influenciando em muito a maneira tanto de se comunicar como de se apropriar dos signos linguísticos. Atualmente tal apropriação ocorre, em certa medida, quando o indivíduo passa pelo processo do que se convencionou chamar de Alfabetização, quando há o desenvolvimento da capacidade de codificar e decodificar signos linguísticos, a saber, letras, sílabas e, por fim, palavras.

Contudo, a sociedade segue sempre em mudança contínua, e a globalização supervalorizou as capacidades de leitura e de escrita, de modo que se apropriar devidamente dessas habilidades não significa tão somente saber ler e escrever. Agora existe a necessidade do protagonismo cidadão do indivíduo, a necessidade de inserção no próprio mundo. Surge o conceito de “sociedade grafocêntrica”, ou seja: uma sociedade pautada na escrita (e na leitura) e que exige que seus membros não apenas saibam ler e escrever, mas que também saibam utilizar adequadamente estas capacidades socialmente. E, neste cenário todo, o avanço da internet e das mídias e redes sociais tornam-se grandes protagonistas.

A interação social que acontece nas mídias sociais caracteriza-se pela comunicação verbal (e não verbal) com características próprias que inovam tanto as estruturas do próprio texto, como o comportamento dos próprios usuários destas redes que necessitam utilizar de recursos linguísticos para a comunicação. A maneira que se escreve e se lê mudou drasticamente a partir do crescimento e da popularização das mídias digitais.

No que se refere à escola, de um lado, professores e especialistas mais conservadores, insistem em defender que a popularização de tais tecnologias trazem tão somente malefícios para o desenvolvimento do estudante. Por outro lado, porém, já são muitas as pesquisas que, a partir da consciência da função social da escola e a considerando como parte integrante da sociedade, discutem possíveis compreensões do que está acontecendo e possíveis metodologias pedagógicas que coloquem as novas tecnologias de comunicação a serviço da educação.

Levando em consideração todo este contexto, o presente trabalho busca entender as novas práticas de leitura e de escrita em uma realidade interligada pela internet. Ocorre que estas novas práticas trazem consigo mudanças significativas à leitura e à escrita dos indivíduos e da produção textual, que necessitam ser devidamente observadas. Ocorre que se presenciam fenômenos novos que passam por análises linguísticas e sociais.

Assim, inicialmente, serão entendidos os conceitos de Alfabetização e de Letramento. Em seguida, algumas considerações da ordem da Linguística Textual também serão feitas. Essas considerações serão úteis no sentido de analisar as características próprias dos comportamentos leitor e escritor nas redes sociais. Por fim, serão feitas algumas conclusões a fim de justificar a apropriação das novas tecnologias digitais e sociais no âmbito escolar

A metodologia para este artigo se deu a partir de pesquisas bibliográficas de fontes acadêmicas que tratam do assunto tanto do ponto visto linguístico como da perspectiva pedagógica.

2. Alfabetização, letramento e gênero textual:

Antes de analisar as novas práticas de leitura e de escrita a partir das mídias sociais e as reconfigurações textuais oriundas delas, é necessário, inicialmente, retomar alguns conceitos recorrentes quando o assunto é o ensino-aprendizagem da língua materna, no caso, a língua portuguesa.

Quando se fala em "aulas de português", é muito comum aparecer na mente o termo "Alfabetização", mas, afinal de contas: o que é, realmente, Alfabetização? O que significa dizer que alguém é alfabetizado?

Para Soares (2009), o processo de Alfabetização passa pela tão conhecida ideia de habilitar um indivíduo a decodificar e a codificar signos linguísticos, ou seja: ensinar alguém a ler e a escrever. Sobre o assunto, Tfouni (apud Soares) argumenta: *"A Alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem"*. Dessa maneira, dizer que alguém é alfabetizado é dizer que essa mesma pessoa possui a capacidade de ler e de escrever. Ainda sobre Alfabetização, Soares diz: *"aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia: a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita"*. Nesse sentido, tornar o aluno capaz de ler e escrever é apenas instruí-lo a ser capaz de decodificar (e de codificar) signos linguísticos: é meramente o saber identificar letras, formar sílabas e reconhecer palavras. Todavia, conforme defende a Base Nacional Comum Curricular (2018), *"o importante é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas"*. Para atingir este objetivo, capacitar o aluno a somente ler e escrever (codificar e decodificar signos) não é suficiente. Assim, fala-se em Letramento.

Inicialmente, é importante ressaltar que, apesar de relacionados, Letramento e Alfabetização, são dois conceitos distintos. Enquanto que a alfabetização versa tão somente acerca da habilidade , da capacidade de codificar e decodificar signos linguísticos, a ideia de Letramento extrapola os limites meramente linguísticos e cognitivos e já entra no campo social. Por ser ainda uma ideia recente, fala-se não somente no conceito de letramento, mas sim em uma diversidade de conceitos . Soares cita esta miscelânea em seu artigo "Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura". Nele, a autora cita pelo menos duas diferentes visões acerca do Letramento baseada em outros autores. Segundo

Kleiman (apud Soares),Podemos definir hoje o Letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Já segundo Tfouni (apud Soares), "O Letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita".

Como é possível notar, as duas autoras concordam que o Letramento está relacionado com o caráter histórico-social da escrita e, consequentemente, da leitura. Logo, pensar o Letramento é pensar nos aspectos sociais da leitura e da escrita. Diferenciando alfabetização de Letramento, Soares (2009) argumenta: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de Letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever; mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Conforme visto, Soares afirma que o Letramento é um estado, condição, situação. Na própria formação da palavra Letramento está presente a ideia de estado: a palavra traz o sufixo -mento, que forma substantivos de verbos, acrescentando a estes o sentido de "estado resultante de uma ação", como ocorre, por exemplo, em acolhimento, ferimento, sofrimento, rompimento, lançamento; assim, de um verbo letrar (ainda não dicionarizado, mas necessário para designar a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita, para além do apenas ensinar a ler e a escrever, do alfabetizar), forma-se a palavra Letramento: estado resultante da ação de letrar.

Ainda sobre o assunto, a autora ainda afirma que o Letramento é o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento.

Levando em consideração o já exposto, observa-se que o fenômeno do Letramento deve ser entendido à luz de uma miscelânea de conceitos. Mas o fato é que o Letramento transcende o mero limite da (de)codificação de signos linguísticos proposto pela Alfabetização e propõe discussões e práticas que buscam explorar os impactos sociais da utilização da leitura e escrita. Dessa maneira, falar em Letramento é falar no desenvolvimento da capacidade de indivíduos que saibam utilizar corretamente as suas habilidades de leitura e escrita em diferentes contextos sociais. Ou seja: não é suficiente apenas saber ler e escrever. É necessário se apropriar de tais habilidades na própria vida. Assim, o Letramento engloba tanto o enredo social que exige o domínio e a apropriação das habilidades de leitura e escrita (a intitulada "sociedade grafocêntrica) como coloca o indivíduo como sujeito e protagonista diante de tais habilidades ao afirmar que sobre ele está a condição de que exerce socialmente a leitura e a escrita.

Dentro do contexto do Letramento como a condição de indivíduos que atuam na sociedade por intermédio da leitura e escrita, faz-se necessário invocar um outro conceito: a ideia de gêneros textuais, "os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica" (Marcuschi, S/A.).

Os gêneros textuais podem ser compreendidos como as mais diferentes manifestações textuais que ocorrem dentro de diversas realidades histórico-sociais para atender determinados objetivos sociocomunicativos. Os gêneros se caracterizam por seu caráter plástico, social e historicamente localizado. Pode-se citar como exemplos de gêneros textuais as bulas de remédios, textos jornalísticos, propagandas, cartas, bilhetes, ofícios, notas, memorandos, sermões, avisos, etc. Cada gênero possui as suas características e fins

próprios. Ademais, como são dinâmicos, os gêneros podem sofrer alterações à medida que as necessidades sociais variam, podendo acabar ganhando outras versões ou ainda serem reconstruídos com bases já criadas. “Nesse sentido, podemos observar que a carta é um gênero textual semelhante a uma conversa, e, por sua vez, o e-mail nos remete à constituição de uma carta” (Júnior e Silva, S/A). Com o avanço do crescimento das tecnologias de mídia social (objeto de análise do presente estudo), outros gêneros acabaram surgindo tais como o *post*, o *SMS*, o *tweet*, etc. Isso sem falar da chamada intertextualidade intergênero, quando gêneros diferentes acabam aparecendo no mesmo texto, mas com a prevalência de um só, dependendo do objetivo pretendido.

Vale destacar ainda que cada gênero possui seus próprios canais, suporte e meios de circulação. Assim, e pensando a prática de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa à luz do Letramento, como afirma a Base Nacional Comum Curricular, o texto deve ganhar a centralidade (BNCC, 2018). Nesse sentido, os gêneros precisam ser vistos como o grande meio para o fim maior da escola em relação à formação de indivíduos em estado de letramento. A escola precisa ser vista como parte integrante da sociedade e não como acessória a ela. Ou seja: a escola necessita entender a nova realidade que está em sua volta com o intuito de desenvolver corretamente em seus alunos “a necessidade de produzir, distintamente, textos que se adequam às situações de comunicação” (Júnior e Silva, S/A).

3. As novas práticas de leitura e escrita nas mídias sociais:

O desenvolvimento das mídias sociais, oriundo do avanço da globalização, trouxe consigo algumas mudanças nas práticas de leitura e escrita dos indivíduos. Isso se dá pela própria configuração de tais tecnologias que acabam por exigir que seus usuários se apropriem da leitura e escrita de maneira bastante específica.

Para essas mudanças é válido o destaque. Segundo Soares, as novas tecnologias contemporâneas de mídia social inovaram no que se refere ao espaço físico e visual (suporte), às relações entre escritor e leitor, escritor e texto e leitor e texto. E além de tudo isso, há o fenômeno do hipertexto, o qual afeta drasticamente a leitura e a produção textual no âmbito digital.

4. O suporte nas mídias digitais

Primeiramente, no que se refere ao espaço físico e visual, é preciso relembrar o conceito de suporte. Cada texto, cada gênero possui o seu suporte, sua plataforma, um meio físico no qual ele é veiculado. Bolter (apud Soares) também chama os suportes de “espaço de escrita”. Para ele, trata-se do “campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita.” Segundo Soares, “todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente”.

Antes do papel e, agora, das telas, a humanidade experimentou outros espaços de escrita como a superfície de argila, pedra e madeira. Na pré-história, o papiro e o pergaminho, por exemplo. Cada um desses espaços de leitura possui relação direta como o sistema de escrita adotado e são aqueles que determinam estes, conforme relata Soares: O espaço da escrita relaciona-se até mesmo com o sistema de escrita: a escrita em argila úmida, que recebia bem a marca da extremidade em cunha do cálamo, levou ao sistema cuneiforme de escrita; a pedra como superfície a ser escavada serviu bem, num primeiro momento,

aos hieróglifos dos egípcios, mas, quando estes passaram a usar o papiro, sua escrita, condicionada por esse novo espaço, foi-se tornando progressivamente mais cursiva e perdendo as tradicionais e estilizadas imagens hieroglíficas, exigidas pela superfície da pedra. O espaço de escrita relaciona-se também com os gêneros e usos de escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita: na argila e na pedra não era possível escrever longos textos, narrativas; não podendo ser facilmente transportada, a pedra só permitia a escrita pública em monumentos; a página, propiciando o códice, tornou possível a escrita de variados gêneros, de longos textos.

Essa relação entre espaços de escrita e sistema de escrita continua até hoje quando o assunto é a escrita nas plataformas digitais. Comparando a escrita de textos entre o papel e as telas, observa-se que quando o texto está registrado em páginas e similares, o leitor pode ter acesso não só ao conteúdo presente, mas também ao conteúdo antecessor e sucessor, o que não ocorre em meios digitais, onde cada tela, "janela", etc, exibe apenas uma parte do texto por vez, muito embora, como chama a atenção Soares, alguns dispositivos permitem a exibição de mais de uma "janela", o que acaba afetando a experiência de leitura. Essas constatações interferem na relação entre o leitor e o texto, pois aquele encontra formas diferentes de interagir com este.

Por outro lado, os avanços tecnológicos nas mídias acabaram possibilitando um novo fenômeno textual que altera tanto a estrutura do próprio texto, concedendo a ele mais dinamismo e riqueza de conteúdo, como a relação entre o leitor e a obra textual. Trata-se do chamado hipertexto.

4.1. O hipertexto

A respeito do hipertexto, Marcuschi (apud Magnabosco) menciona que essa "escritura eletrônica" é caracterizada principalmente pela ausência de sequencialidade e de linearidade, permitindo ao leitor acesso a uma série de outros textos a partir um texto primário de maneira consecutiva, cuja leitura é orientada pela livre escolha do leitor, o que permite uma leitura marcada pela interatividade e dinamismo, mas sempre possuindo relação com as ideias desenvolvidas pelo autor do texto.

A respeito não há novidade (há relatos de manifestação desta modalidade textual em espaços de escrita de papel), as tecnologias digitais conseguiram desenvolver ao máximo o hipertexto, explorando-o e o enriquecendo absurdamente. Isso se dá principalmente pelas peculiaridades das próprias tecnologias digitais, que permitem a produção, o desfrute e o compartilhamento de um número ilimitado de informações que podem ser consultadas livremente pelos usuários sem se prenderem a alguma estrutura hierárquica pré-estabelecida e também a partir de fontes diversas. Isso inova a maneira como o leitor se relaciona com um texto. Como já foi citado, em contraposição ao espaço físico, o espaço visual das mídias digitais e sociais permite que o texto esteja disposto não seguindo uma estrutura rígida e inflexível, possibilitando ao leitor a um número maior de informações praticamente de forma simultânea. O hipertexto aumenta ainda mais tal experiência de leitura. Aqui há uma relação entre leitor e texto (o que já foi explorado) e espaço de escrita e texto (o suporte das telas e a configuração dos dispositivos facilita a distribuição não-hierárquica do texto. "O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um no espaço de leitura " (Marcuschi apud Magnabosco).

4.2. A relação entre escritor e texto nas mídias digitais

No que se refere à relação escritor e texto a partir das mídias digitais, é importante fazer uma comparação com os espaços físicos de escrita. Anterior à invenção da escrita, o compartilhamento de textos escritos ocorria de maneira bastante precária. Enquanto os manuscritos eram vistos como verdadeiros artigos de luxo, as cópias dos mesmos eram realizadas de maneira manual, o que comprometia (conscientemente ou não por parte dos copistas), a qualidade final do texto copiado (Soares, S/A).

Com o advento da impressão, algumas novidades foram experimentadas pelos escritores com o seu texto. Soares cita duas: a propriedade do autor sobre a sua obra e também o fato de que o resultado final do texto (o livro) passa a não ser mais fruto apenas do autor, mas de uma série de profissionais responsáveis pela confecção do mesmo (diagramadores, editores, revisores, etc).

A produção textual nas plataformas digitais trouxe consigo mudanças drásticas comparada com os meios físicos. Em primeiro lugar, cita-se que o autor do texto acaba perdendo o domínio de sua obra, pois uma vez que ela é disponibilizada na rede, pode ser comentada, respondida, compartilhada e até mesmo alterada. Isso ocorre principalmente nas redes sociais, onde a superexposição de informações colabora para a um comportamento interativo entre leitor, escritor e texto. Dessa maneira, o leitor acaba se apropriando do texto e dele se torna um co-autor. Essa falta de domínio que o autor tem de suas obras no ambiente digital contrasta com a relação entre autor, texto e leitor nos espaços físicos. Nestes, o autor é uma figura distante de seu leitor, enquanto o leitor é tão somente um apreciador passivo da produção textual, que, enquanto disponibilizada nos espaços físicos, ganha ares de estabilidade e de inflexibilidade.

4.3. A relação entre escritor e leitor nas mídias digitais

Nas mídias sociais, observa-se ainda que a relação entre escritor e texto, uma relação que, como já foi vista anteriormente, passa pela quebra de domínio e estabilidade do autor com a sua própria obra, também passa pela relação entre escritor e leitor. Enquanto que nas plataformas físicas, o escritor permanece distante do seu leitor que, por sua vez, apenas consome o trabalho final dele, nas plataformas digitais, a relação entre escritor e leitor passa a ser direta e é intermediada através do próprio texto e o autor não é visto mais como uma figura distante de destaque, mas como um indivíduo próximo que, ao compartilhar a sua produção textual nos meios digitais, torna-se alvo da co-produção de seus leitores fazendo assim, como já foi visto, que o autor perca o domínio exclusivo do seu texto. Dessa forma, cria-se uma rede intermediada pelo próprio texto onde o mesmo é "ruminado" sucessivamente pelos seus receptores. Isso é fruto do caráter interativo das mídias sociais a qual permite um protagonismo do leitor, o que não há nos espaços de escrita físicos. Isso faz lembrar exatamente da discussão a respeito do Letramento, ou seja: indivíduos utilizando socialmente as suas habilidades de leitura e escrita e se apropriando delas para a sua inserção no mundo, podendo assim ser possível falar em *Letramento Digital*.

4.4. Inferências

Concluindo, as mídias sociais trouxeram algumas novidades em relação à leitura e produção de textos. As características de seu ambiente permitem um forte dinamismo nas relações entre escritor e leitor, escritor e texto, e leitor e texto. Acontece que a partir da popularização e desenvolvimento das tecnologias de mídia social, houve a quebra dos paradigmas textuais impostos pelas tradicionais tecnologias de leitura e escrita, a saber os

espaços físicos de leitura e escrita. Dentre as inovações trazidas pelas mídias sociais na produção e recepção de textos, destaca-se a natureza interativa e social das novas tecnologias colocaram o leitor em outro patamar, dando a ele a possibilidade de intervir sobre as obras de seus autores, os quais, por sua vez, perderem o exclusivismo de suas obras, o que exige não somente o saber ler e escrever (codificar e decodificar signos linguísticos), mas as capacidades de interpretação, dissertação e argumentação, leitura crítica, entre outras.

No mais, os espaços visuais também afetaram a estrutura e disposição dos textos. Os hipertextos romperam com a estrutura hierárquica e sólida dos textos de modo que a sua disposição passou a ocorrer de maneira não-sequencial e ligada a uma infinidade de outros textos, de diferentes autores, trazendo uma riqueza de conteúdo e estrutura. Os hipertextos ainda contribuem para a intertextualidade e dão ao leitor um poder maior sobre a sua liberdade de escolha e seleção dos textos, o que contribui tanto para a sua criticidade (no sentido de decidir o que irá consumir enquanto leitura), como para a interpretação, sendo a mesma igualmente crítica, exigindo poder de seleção assim como de dissertação e argumentação, especialmente para opinar sobre os textos na própria rede, fazendo com que o leitor aproprie-se da leitura e escrita nas suas vivências na rede, sendo não mais suficiente a mera (de)codificação de signos.

5. A utilidade pedagógica das mídias sociais a partir das suas novas práticas de leitura e escrita

Como se pode notar, a configuração tecnológica das mídias sociais proporciona uma grande inovação nas práticas de leitura e escrita dos indivíduos, alterando a maneira com que estes utilizam as suas habilidades de comunicação e também inovando na relação deles com o próprio texto, o qual, por sua vez, também foi fortemente afetado.

Compreendendo o ensino de língua materna a partir da perspectiva do Letramento, ou seja: da apropriação da indivíduo da leitura e da escrita para a utilização social, e entendendo a escola como parte integrante da sociedade e, portanto, atenta às mudanças sociais de seu tempo, é necessário discutir os impactos das novas práticas de leitura e escrita a partir das mídias digitais no ensino-aprendizado linguístico.

A fim de superar os limites impostos por um entendimento pedagógico já arcaico e também inadequado para a contemporaneidade, entende-se que as mídias, dispositivos e demais tecnologias digitais (especialmente as de caráter social) em muito podem colaborar para um ensino e aprendizado mais eficiente da língua portuguesa que, como afirma a Base Nacional Comum Curricular (2018), deve proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos Letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Inicialmente, as mídias digitais promovem um forte protagonismo de quem as utiliza. O caráter democrático das redes permite que seus usuários as utilizem e também interajam com textos de terceiros, como eles mesmos podem escrever os seus próprios textos e, conforme já visto, até mesmo serem co-autores.

Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto,

escrever *fanfics*, produzir *e-zines*, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a *Web* é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. (BNCC, 2018. Grifos do autor)

Assim, a utilização das mídias digitais e das plataformas sociais digitais para fins pedagógicos pode funcionar como um estímulo para a produção textual. Pois , trata-se de fazer uso de algo que já é conhecido pelos estudantes. E uma vez entendendo que as aulas de língua portuguesa necessitam acontecer em uma perspectiva discursiva, o uso dessas mídias pode amplificar a exploração de diversos gêneros textuais e contribuir para uma formação dos alunos sob a base do letramento. Em outras palavras, nada mais do que é do que situar histórica e socialmente a prática da leitura e escrita. A ação dos alunos na rede, por sua vez, já está ligada com a apropriação linguística para fins previamente estabelecidos (principalmente pelos gêneros abordados). Nesse sentido, as mais diversas propostas metodológicas de ensino de língua materna com o uso das mídias digitais podem aparecer, desenvolvendo os potenciais linguístico e criativo dos alunos.

Outra vantagem que as mídias digitais trazem para o cotidiano escolar é a possibilidade de formar leitores mais práticos e críticos. Nesse sentido, os hipertextos podem ajudar, pois a sua flexibilidade e dinamismo podem ajudar os estudantes em suas práticas de leituras os estimulando para ler mais e, como os hipertextos dialogam com textos afins, a criticidade e a liberdade do aluno para escolher o seu repertório de leitura. Além do mais, a possibilidade de poder comentar na própria rede já pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades críticas dissertativas-argumentativas dos alunos.

6. Considerações finais

A atual conjuntura social global tem reduzido distâncias e exigindo ações mais práticas de seus indivíduos. Como parte dessas ações, o cidadão do século XXI está imerso em uma sociedade que supervaloriza as habilidades de leitura e escrita, exigindo assim não somente um mero saber ler e escrever, mas o uso crítico e ativo destas habilidades para a inserção social e cidadã. É nesses termos que se fala em Letramento, a condição de uma pessoa em saber utilizar e se apropriar socialmente da leitura e também da escrita. Proporcionando tal ambiente social estão as mídias digitais que trouxeram consigo inovações nos comportamentos de leitura e escrita das pessoas. Por um lado, há o surgimento de estruturas textuais mais plásticas, dinâmicas, flexíveis, dialogais, os chamados hipertextos. Por outro, os usuários da rede passaram de meros espectadores passivos para verdadeiros agentes textuais no que se refere à possibilidade que as redes oferecem de comentar, compartilhar, opinar, escrever, debater, dissertar, argumentar e produzir textos, o que alterou as relações entre escritor e leitor, escritor e texto e também entre leitor e texto.

Pelas suas características e pelos avanços no campo da leitura e também da escrita que trouxeram, as mídias digitais se revelaram grandes aliadas para o ensino de língua portuguesa nas escolas. Isso porque as redes tendem a desenvolver a leitura e a escrita para um aspecto mais social no sentido de possibilitar a abordagem dos mais diferentes gêneros textuais, por exemplo, e desenvolver leitura crítica (e também argumentativa) e produção textual mais competente e realmente prática em um âmbito social, o que dialoga com a perspectiva discursiva que o atual ensino de língua materna exige de seus professores.

Dessa maneira, conclui-se afirmando que as mídias digitais se revelam como sendo uma grande ferramenta para o ensino de língua materna tendo em vista o potencial delas

para desenvolver nos estudantes um comportamento leitor e escritor cada vez mais próximos das realidades sociais contemporâneas e suas demandas.

Referências:

JÚNIOR, J. SILVA, F. *Redes sociais e práticas de leitura e escrita no ensino médio* . *Hipertextus Revista Digital*. Recife, n. 06, 2011. Disponível em: <http://arquivohipertextus.epizy.com/volume6/Hipertextus-Volume6-Jose-Ribamar-Batista_Francisco-das-Chagas-_Luciane-Lira.pdf>. Acesso em 29 de junho de 2023.

MAGNABOSCO, G. C. *Hipertexto:* algumas considerações. In: Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, n. 3, 2007, Maringá. p. 1389-1398.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais:* definição e funcionalidade. In: Gêneros textuais e ensino. 2ª ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* língua portuguesa. Volume 2; Brasília – DF, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília – DF, 2018.

RIBEIRO, A. E. *Letramento digital*: um tema em gêneros efêmeros. Revista da ABRALIN, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002> . Acesso em: 18 de julho de 2023.

SANTOS, A. A. Análise sobre o uso das redes sociais como instrumento estratégico nas atividades de leitura e escrita. *Revista Intersaberes*, Curitiba, v. 11, n. 23, p. 379-393, 2016. Disponível em: https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/921. Acesso em 29 de junho de 2023.

SOARES, M. *Letramento:* um tema em três gêneros. 3ª edição, Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009.

SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita:* letramento na cibercultura. In: Scielo. Campinas, 2022. Disponível em:https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/abstract/?lang=pt#. Acesso em 03 de julho de 2023.